

Renata Gava é graduada em História pela UNIMEP (Universidade Metodista de Piracicaba), com pós-graduação em Patrimônio Arquitetônico pela PUC/Campinas e em Gestão Cultural pelo SENAC/Rio de Janeiro. Atua há mais de quinze anos como historiadora, conservadora e gestora cultural na área museológica e patrimonial de bens materiais e imateriais.

Rodrigo Luiz dos Santos é graduado em Museologia pela Universidade Federal de Ouro Preto, tem licenciatura em História pela Universidade Metodista de Piracicaba e é especialista em Cultura e Arte Barroca pela Universidade Federal de Ouro Preto. Está há mais de dez anos na área museológica, atuando em curadorias; tem experiência na área de Museologia, com ênfase em comunicação, acervo e projetos museológicos.

De que forma o professor pode trabalhar, em sala de aula, a importância do sotaque e dialeto para a cultura caipira?

A importância está em explicitar as diferenças culturais na forma da expressão da linguagem. Feia ou bonita, certa ou errada, na língua portuguesa há diferentes formas de variações linguísticas que permeiam os falares – padrão, social, interações específicas e dialetos regionais, o que não torna o falante caipira incompreensível aos demais de outras regiões.

A língua que falamos não é a que escrevemos, ela varia no tempo e no espaço. A escrita é só uma representação simbólica da língua falada, e não um retrato fiel dela. Ou seja, é necessária uma ortografia normativa para a língua para que todos possam ler e compreender o que está escrito, mas o modo de falar pode mudar dependendo do acesso à cultura, da motivação e da capacidade de perceber e articular sons de modos diferentes.

Enquanto a língua falada é viva, está em contínua transformação; a língua escrita está em constante adaptação e adequação.

Como contribuir para a valorização da cultura caipira?

O linguajar é uma das principais características marcantes do modo de ser do caipira. Essa maneira de falar típica do interior paulista, considerada dialeto, remete há séculos de história. Essa singularidade rústica pode ser justificada pela miscigenação dos primeiros paulistas e influências linguísticas de indígenas e mestiços. Esse linguajar caipira foi definido por pesquisadores e linguistas como a língua dos bandeirantes..

Variações linguísticas é um assunto que só dá para ser abordado na disciplina de Língua Portuguesa?

Não; é um tema interdisciplinar. Por meio de expressões caipiras tem como abordar outros elementos do universo caipira, como música e artes, modos e costumes, agricultura e culinária, festas, estereótipos, folclore, ditos e contos populares, simpatias e benzedadeiras; o que possibilita, por meio de disciplinas como Geografia, História, Educação Física, Artes, Matemática e Língua Portuguesa, construir pedagogicamente momentos de reflexão e entendimento sobre práticas cotidianas do caipira. No universo da cultura caipira, condutas e costumes baseados na tradição regem o cotidiano e o modo de vida do caipira, garantindo a unidade na preservação de valores. Suas raízes embasadas no mutirão, nos laços de vizinhança e na

reciprocidade são imprescindíveis para a construção de laços de solidariedade, para a consolidação de laços comunitários.

Qual é a origem do dialeto e do sotaque caipira? Por que existe essa diferença do “r” no interior e na capital?

Oriunda da miscigenação dos primeiros paulistas e influências linguísticas, uma vez que os indígenas e mestiços tinham dificuldade em articular sons das letras **B, D, F, L, LH, R, V, Z** em determinadas sílabas. Essa peculiaridade que caracteriza o dialeto caipira, que ressoa em letras de modas, no ponteio da viola, carregando em suas pronúncias os “**erres**” e trocando o “**L**” pelo “**R**” e “**LH**” pelo “**I**”, é o que define o linguajar caipira como a língua dos bandeirantes.

A supressão de letras na palavra ou expressão é um traço forte desse falar caipira, juntamente com um estiramento mais ou menos excessivo das vogais, dando ao homem caipira a referência de introvertido e apressado.

O dialeto caipira originou variantes e as manteve. Essa linguagem contém muitas formas arcaicas e característica coloquial, como o elemento principal desse falar, o R retroflexo, mas há também um padrão linguístico característico, como a troca do L pelo R, assim como casos de R e S caírem quando final de palavra, o D das formas verbais em ando, endo, indo cai e vocaliza-se em I.